



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

LIÇÃO DO ACASO

Por AUGUSTO de SANTA RITA

Desenhos de ADOLPHO CASTAÑE

ANTONINHO e seus irmãos mais novos Jorge e Pedro eram muito porcalhões. Andavam sempre despen-teados, com os bíbes cheios de nódoas e as unhas sujas.

A Mãe penteava-os, ao levantar-se da cama, punha-lhes bíbes lavados e limpava-lhes as unhas mas, já à hora do almoço, recolhiam a casa num tal desar-ranjo e sugidade que era, mesmo, uma vergonha.

A Mãe ralhava-lhes, o pai batia-lhes, mas eles não se emendavam, continuando no mesmo desleixo e relaxamento.

Haviam-se habituado de tal ma-



neira a que lhes chamassem porcos que já nem faziam caso.

Ora, o pai destes meninos, possuía, na quinta em que viviam, um casal de porcos e dois leitões destinados à matança que se efectuava, duas vezes por ano, pela Páscoa e pelo Natal, motivo porque em Março, uma certa manhã, disse ao caseiro, na presença dos filhos, referindo-se aos bacorinhos, já se vê:

— «Hoje, matam-se os dois porquinhos mais novos».

Ouvindo tal determinação, Jorge

e Pedro, supondo que o pai se referia a eles, desataram num berreiro enorme e, de joelhos, rogaram que os não mandasse matar, pois prometiam emendar-se.

E, desde então, tornaram-se uns meninos muito asseados, aproveitando, assim, a bela lição que o Acaso se encarregou de lhes dar.



F I M

A MENINA CARIDOSA

Por J. F. S. — Desenhos de A. Castañé

ERA uma vez uma menina inglesa chamada Florência. Morava num dos arredores de Londres e o seu prazer favorito consistia em dar grandes e agradáveis passeios, montada num cavalinho, e acompanhada pelo prior da freguezia, seu amigo.

Certo dia em que efectuava uma dessas digressões, reparou num pastor que desejando meter no redil os seus carneiros, o fazia por meio de gritos, processo difícil e de fraco resultado.

— «Porque não adquire um cão?» — perguntou Florência, dirigindo-se ao pastor.

— «Tinha um, e bom, mas está muito doente duma pata, e suponho que inutilisado para sempre;» — respondeu o homem, pesaroso. E concluiu:

— «Decerto que terei de matar o meu «Cap» para o livrar de mais sofrimentos.»

— «Talvés não seja preciso, senhor cura?» — inquiriu a pequena, a quem a perspectiva da morte do cão, impressionava.

— «O melhor seria vê-lo. Quem sabe se poderemos evitar a morte do animal, restituindo-o a este pobre homem de quem é tão bom auxiliar?...» —

O pastor indicou a sua cabana onde «Cap» jazia com dores, e em breve Florência e o presbítero encontraram-se junto d'ele. O padre apalpou a

Nenhum osso está partido. Com umas compressas applica-las, a inflamação desaparecerá, e em poucos dias «Cap» pode voltar a acompanhar o rebanho do dono.»

— «Compressas? O que são compressas?» — indagou Florência, cheia de interesse.



— «São tiras de pano embebidas em água quente que se applicam na parte do corpo inflama-da, a-fim de suprimir essa inflamação.» — elucidou o eclesiástico.

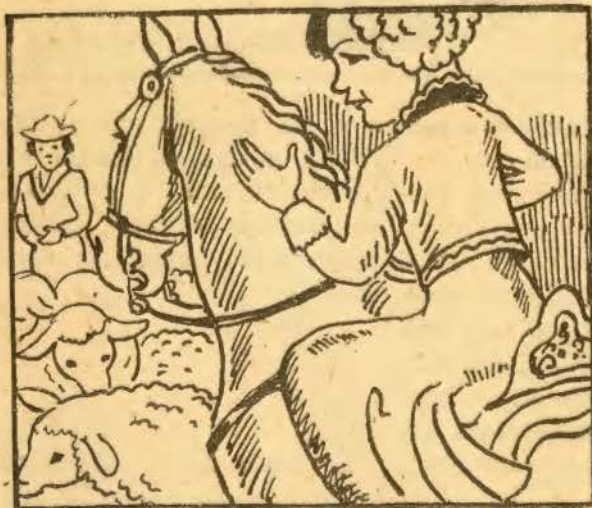
Muito contente por se tornar útil, a menina preparou tudo quanto era preciso para obter as compressas, e ella própria as applicou na perna do cão, que sofreu o tratamento com toda a paciência. Uns vagos gemidos pareciam agradecimentos.

— «E agora que a tua missão terminou, voltamos para casa» — aconselhou o padre.

— «Preferia ficar velando por este animal até á sua cura completa. Ide vós, senhor prior, e pedi a minha mãe licença para eu ficar aqui.» —

Assim succedeu. Florência continuou a applicar pensos ao «Cap», ensinou o pastor a fazê-los, e em pouco tempo o animal appareceu curado, voltando a correr e a guardar o rebanho, com grande alegria do camponês.

Este episódio demonstrou o espirito caritativo

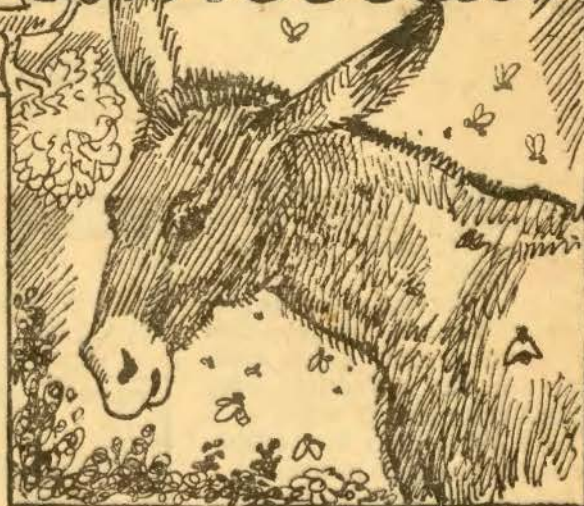


perna do animal, deu-lhe umas palmadas amigáveis para o aquietar e elucidou a sua jovem companheira:

— «O mal não é tão grande como supunha.

O burro e as moscas

Por JOSÉ D'ALDEIA
Desenho de A. CASTAÑE



Um grande burro, velho e lazarento,
Pastava, só, à beira duma estrada,
E levava das mósca ferroadá
Sem a menor revolta nem lamento.

Tinha o corpo coberto de tal forma
Que nem um pêlo só se lobrigava.
E nem sequer à cáuda o pobre dava,
Tendo a resignação talver por norma.

Mas eis que passa um burro bem janota,
— «Toque, toque...» ágil, lépido e andarilho,
O qual, zurrando o insípido estribilho,
Com fúria as mósca do seu corpo enxota.

A cáuda a dar, a dar,
A péle a estremecer...
Pois não pode sofrer
Das mósca o ferroar.

Então, vendo o colega, diz-lhe irado:
— «De que te serve a cáuda? Para graça?!
Imbecil, envergonhas minha raça;
E's mais burro que um burro bem chapado.»

— «Tu tens razão, amigo,
No sacudir das cartas!
Mas estas estão fartas;
Aprenderás comigo!

Se eu as tento enxotar, redobra o mal;
Outras vêm com mais voracidade;
Eu sigo, pois, o que aconselha a idade...
E não te digo mais; ponto final.

Nisto, o burro janota, em reflexão,
Para, por um momento, ergue as orelhas,
E diz: — «Respeito, amigo, as normas velhas,
Mas eu sou novo e tu és ancião!»

E o burro, todo janota,
— «Toque... toque...» — (a caminhar,
E o mosquêdo a enxotar) —
Lá se foi prá Porcalhota.

■ F I M ■

que na pequenina alma de Florência começava a florir.

Atraída para o tratamento de enfermos e feridos, e já mulher, estudou com afinco a medicina e a cirurgia, organizando um hospício. Mais tarde embarcou para vários pontos da Inglaterra criando, com outras senhoras, hospitais em sítios assolados por epidemias.

O seu nome completo de Florência Nightingale tornou-se assim bastante conhecido e respeitado. Ao declarar-se a guerra da Crimeia, para ali se dirigiu com as suas colaboradoras, prestando grandes serviços aos feridos. O governo nomeou-a, nessa ocasião, superiora geral do serviço sanitário do exército inglês.

Escreveu vários livros sobre curas de feridos

e doentes e foi ela quem contribuiu para que as nações criassem os regulamentos internacionais para os feridos na guerra, e, mais tarde, se fundasse a Cruz Vermelha.

Honrada com importantes distinções pelo governo inglês, algumas delas concedidas pela primeira vez a uma senhora, Florência Nightingale faleceu em 1911, com 90 anos de idade. Teve funerais pomposos. A nação britânica vestiu-se de luto para chorar a santa velhinha que, durante a sua longe vida, foi o modelo da Caridade. Bem o deixou prevêr, quando, ainda menina, tratou com desvelada solicitude o pobre «Cap»; seu primeiro doente.

■ F I M ■

ZEZINHO, O REVOLUCIONARIO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

ZEZINHO e os seus numerosos amiguinhos resolveram ir brincar às revoluções.

Zezinho e os seus predilectos companheiros pertenciam a um certo partido e Pedrinho, com os seus preferidos, a outro.

Jorge era o dono dum estabelecimento que seria assaltado.

Aninhas e Marieta faziam parte da Cruz Vermelha, pelo que haviam aplicado, nos respectivos bibes brancos, uma cruz recortada em papel de sêda, encarnado.

Jorge instalava-se na capoeira dos papás de Zezinho, onde improvisara uma espécie de balcão, fingindo ser ali o seu estabelecimento.

A casinha do cão seria o Quartel de Artelharia. O automóvel de Pedro, que o papá lhe dera pelos anos, seria o carro da Cruz Vermelha e o pátio das galinhas a Rotunda da Avenida.

Munidos das respectivas espingardas de ar comprimido e bombas de Santo António, Zezinho, Pedro e os respectivos companheiros tomaram posições estratégicas e deu-se, então, início à grande



revolução, após um sinal combinado.

Três manilhas de barro, devidamente inclinadas, no improvisado quartel, simulavam três poderosas peças de artelharia.

Zezinho e Pedro, em seus redutos, davam ordens aos soldados e civis que os acompanhavam, estabelecendo-se, em breve, a necessária barafunda, entre o explodir das bombas e o desfchar dos tiros.

A meio da revolta, Jorge fingiu grande indignação ao ver o seu estabelecimento assaltado pelos populares e a criação roubada, com os pescoços torcidos, ou espezinhada.

O carro da Cruz Vermelha transportava um ou outro revolucionário que se fingia alvejado e em perigo de vida.

De súbito, porém, um angustioso grito se ouviu, seguido de um aflitivo chôro. Era Zezinho que, ao atirar uma bomba, a não largára a tempo, queimando as mãos, um joelho e o fato.

Logo, por todos cercado, foi conduzido não para o improvisado posto da Cruz Vermelha mas para casa, onde os paizinhos o trataram convenientemente, ralhando a todos, com severidade, pela estúpida brincadeira de que se haviam lembrado.

No dia seguinte, chamando-os a todos, o pai de Zezinho explicou porque havia designado de estúpida aquela brincadeira, acrescentando: — «Meus filhos: — Ser revolucionário não é ser brigão ou zaragateiro, como imaginais em virtude das falsas noções e



Para os bebés recitarem

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE



PORTUGAL

PORTUGAL! A nossa Terra de maravilhas é cheia. Todas as cousas que encerra são lindas. Nenhuma é feia!

E' belo e é grande... De modo que, sendo assim, é perfeito. E' grande mas cabe todo num cantinho do meu peito.

MÃE

MÃE! Eis uma palavrinha que se diz suavemente. A' medida exactamente da boca da criancinha.

Tem três letrinhas sòmente; cada letra é uma estrelinha a brilhar eternamente!

PRECEITO

DAR esmola aos pobrezinhos é um dever de nós todos; não furtar aves dos ninhos; a ninguém mostrar maus modos; obedecer aos paizinhos; só praticar bem a ródos; e aprender sempre, estudar! Cumprir com este preceito é ter, sempre, em nosso peito, o coração a cantar!

ESTRELAS

BRILHAM estrélas no Além, em noite serena e calma ...

E os olhos de minha Mãe são estrelinhas, também, no lindo céu da su'Alma!

OS VELHINHOS

OS vèlhinhos são sagrados e quem não os respeitar, faz dos maiores pecados que se podem praticar. Ser-se vèlhinho é chegar da Vida ao termo do Inverno e à meninice voltar, ser criança como nós. Velhos são nossos avós e vèlhinho o Padre Eterno!

■ FIM ■

dos maus exemplos das épocas passadas.

O assalto que simuláteis à propriedade alheia é sempre, quer

em tempo de paz, quer em tempo de guerra, condenável, pois representa um acto criminoso.



Ser revolucionário é ser propagandista, pela palavra, pela pena, pelo lápis ou pelo pincel, de novas teorias mas em pról da Ordem, do Progresso e dos direitos de todos os cidadãos.

E' do choque das idéas, e não dos corpos, que pode resultar o bem comum a que todo o verdadeiro revolucionário apenas deve aspirar.

■ FIM ■

O CÃO e o GATO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de ADOLFO CASTANÊ

Certo gato e certo cão,
Dom Tareco e dom Tição,
que eram do mesmo quintal,
andavam sempre em questão,
sem motivo para tal.

Grande briga, volta e meia,
eis que se desencadeia
por dá cá aquela palha;
ao jantar, almoço e ceia
ralha o cão, o gato ralha.

Mas ao fim de muitos ralhos,
de fadiga e trabalhos,
diz o Tareco ao Tição:
— «Amigo, nós somos falhos
de bom-senso e de razão!...»

— «Na verdade, — (diz Tição) —
eu não percebo a razão
porque andamos sempre em briga;
ponhamos ponto à questão,
decretemos paz amiga.

Pois andamos sempre em guerra,
sendo ambos da mesma terra
sem razão para contenda;
se eu berro, você mais berra
e assim quem há que se entenda?!»

— «Até que enfim?» diz Tareco;
— «até que enfim!» diz, qual eco,
o nosso amigo Tição,
que, a-pesar de badameco,
deu provas de espertalhão.



E, desde então para cá,
ao cão e ao gato «Angorá»,
ligou-os forte afeição.
— «Leitor, muitos homens há
como este gato e este cão.»

Gente que está sempre em guerra,
que barafusta, que berra,
sem bem saber porque o faz;
vivendo na mesma Terra,
podendo viver em paz!»

Enigmas pitorescos



SOLUÇÃO DO ANTERIOR :

Os passarinhos são úteis ao homem, por isso é
uma maldade tirar-lhes os ninhos.

ADIVINHA PALAVRAS CRUZADAS



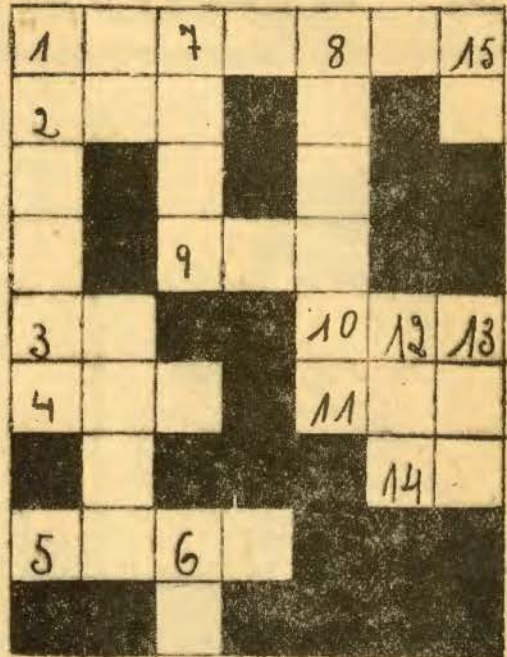
Estas galinhas estão na China e são propriedade dum chinês. Vejam se o descobrem.

HORIZONTAIS

- 1 - Nome dum homem
- 2 - Advérbio de negação
- 3 - Pelo das ovelhas e carneiros
- 4 - Nome de mulher
- 5 - Conjunção comparativa
- 9 - Despida
- 10 - Artigo francês
- 11 - Pequeno círculo de metal ou de madeira
- 14 - Artigo definido

VERTICAIS

- 1 - Colónia ultramar portuguesa
- 6 - Pedra de moer grão ou azeitona
- 7 - Advérbio de lugar francês
- 8 - Homem errante
- 12 - Tempo do verbo ser
- 13 - Advérbio de modo
- 15 - Artigo definido



CHARADAS SINCOPADAS

Com este animalejo não se pode fazer jogo. 3-2. «coloque» o livro daquele «homem grosseiro». 1-1.
 O homem que «procuro» ainda não foi encontrado. 3-2. Rapaz! «oferece» áquela «Deusa» esse «presente». 1-2.

EM FRASE

Foi «acolán» sobre aquela «mêsa» que

Tonito.

Qual a cousa qual é ela?...

Qual a cousa, qual é ela, que é linda flor de jardim, que é prego, que é apelido e tempo de verbo, enfim?!

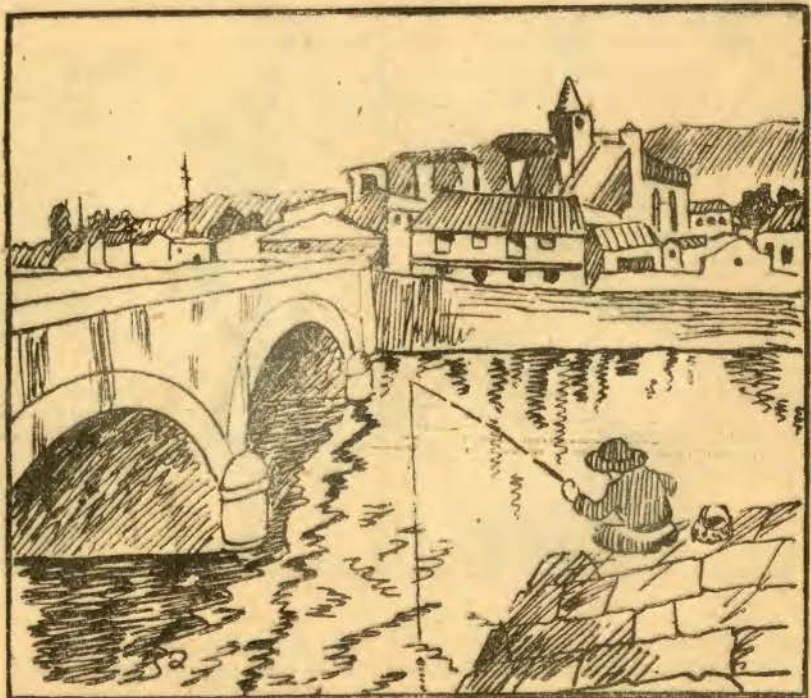
SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

I - Moldura. II - Uma mão. III - Era

Solução do problema anterior



PARA OS MENINOS COLORIREM



A «SAIDA» DO TUNECA



I — Tuneca, com ar casmurro, queixa-se ao pai de que o «Nando» às vezes, de quando em quando, se põe a chamar-lhe burro.

II — Então, o pai do Tuneca, queixa-se ao pai do «Nandinho», e diz-lhe: «éste seu filhinho é levadinho da breca!»

III — O pai do Nando bem vindo ser de gravidade a ofensa, chama-o à sua presença e diz-lhe, repreendendo-o:



IV — «Ouve, Fernando, não deve chamar-se burro a ninguém!». Mas o «Nandinho», porém, refilão, não se conteve;

V — e diz com ares casmurros: — «Bem; se a um menino é ofensa chamar burro, dá licença que eu chame menino aos burros?»

VI — E, levadinho da breca, de novo ao pé do petiz, vindo um burro, a éste diz: — «Adeus, menino Tuneca!...»